



BRUNO FERREIRA

E-BOOK

DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS NA EDUCAÇÃO

A NECESSIDADE DE INTERROGAR A
INFORMAÇÃO NA SALA DE AULA



ILUSTRAÇÕES: FREEPIK



Caravela
Educom

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferreira, Bruno

E-book desinformação e fake news na educação
[livro eletrônico] : a necessidade de interrogar
a informação em sala de aula / Bruno Ferreira.
-- São Paulo : Caravela Educom, 2024.

PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-984259-0-6

1. Ambiente da sala de aula 2. Educação 3. Fake news
4. Informação - Circulação 5. Inteligência artificial -
Aplicações educacionais 6. Notícias falsas I. Título.

24-220553

CDD-302.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Circulação de notícias falsas : Meios de comunicação 302.23
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

E-BOOK

DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS NA EDUCAÇÃO

A NECESSIDADE DE INTERROGAR A
INFORMAÇÃO NA SALA DE AULA



SUMÁRIO

Desinformação: um
desafio à educação, **5**

Desafios da informação
no século 21, **7**

As múltiplas faces
da desinformação, **9**

Inteligência artificial
e desinformação, **13**

Leitura lateral, **16**

Outros protocolos para
avaliar a informação, **19**

Últimas considerações, **22**

Referências, **23**



DESINFORMAÇÃO: UM DESAFIO À EDUCAÇÃO



Hoje em dia, a informação está em todo lugar. Podemos encontrar conteúdos sobre qualquer coisa nas redes sociais e nos buscadores. Por isso, propor pesquisas como trabalho escolar tem sido, de certa forma, frustrante para professores. Além da facilidade com que o estudante encontra o que procura, nem sempre se envolvendo com tema proposto pelo professor, a confiabilidade da informação encontrada pode ser duvidosa ou o conteúdo em si pode ser completamente falso. Como lidar com isso? É possível orientar os estudantes a respeito de fontes confiáveis às quais deve-se recorrer para realizar um trabalho acadêmico? Como fazer isso em sala de aula?

A desinformação não é um fenômeno desta década. Informações manipuladas, fora de contexto, equivocadas e totalmente mentirosas sempre circularam pela sociedade. No entanto, parece que seus estragos têm sido mais evidentes atualmente. Além disso, com a democratização do acesso à internet e o amplo uso das plataformas digitais, qualquer pessoa pode ser **produtor de conteúdo**.

Se por um lado isso é bom, uma vez que mais vozes podem ser ouvidas, por outro, as redes também são ocupadas por radicais e grupos mal intencionados, cuja intenção é promover o caos com a boataria que criam e disseminam.

Vivemos em um momento de **superabundância de informações**, graças à democratização das tecnologias. No passado, poucos podiam publicar suas ideias em meios de comunicação como livros, revistas, jornais, bem como falar a uma audiência considerável, por meios sonoros ou audiovisuais. E antes, o que saía nas escassas fontes de informação era considerado confiável, em razão do rigor dos processos editoriais profissionais.

Mas, atualmente, pessoas angariam seguidores nas redes e mídias sociais, ampliando a quantidade de fontes de informação, mas que nem sempre são confiáveis ou possuem credibilidade. Como, então, saber em que acreditar?

DESAFIOS DA INFORMAÇÃO NO SÉCULO 21



A informação neste século 21 envolve complexidades nos seguintes âmbitos:

PRODUÇÃO

Com a apropriação de recursos digitais e online, todos com acesso à internet e mínimo letramento digital e midiático podem produzir conteúdos.

DISTRIBUIÇÃO

Mesmo sem produzir, podemos passar adiante os conteúdos que recebemos. Nesse processo, podemos ter acesso a informações confiáveis e não confiáveis.

RECEPÇÃO

Um mesmo conteúdo pode ser interpretado de diferentes formas, além de serem apropriados e remixados com diferentes finalidades.

Nesse cenário de superabundância de informações, no contexto da cultura digital, temos que lidar com fenômenos complexos, tais como:

- **Poluição informacional:** o excesso de mensagens em circulação faz com que tenhamos mais dificuldade de identificar informações relevantes sobre o que acontece no mundo.
- **Bolha informacional:** com o excesso de informação, temos a falsa sensação de estarmos bem informados. No entanto, os algoritmos das redes sociais e plataformas digitais monitoram nossos gostos e nos oferecem apenas conteúdos do nosso interesse e com pontos de vista que estão de acordo com nossa visão de mundo.
- **Viés de confirmação:** trata-se da tendência de atribuímos credibilidade a um conteúdo, apenas porque este endossa nossa crença pessoal, pouco importando se é confiável ou verdadeiro.
- **Infoxicação:** diz respeito ao excesso informacional que intoxica a vida porque não conseguimos absorver tudo o que nos circunda, o que causa ansiedade e estresse.

AS MÚLTIPLAS FACES DA DESINFORMAÇÃO



A desinformação, como um camaleão que se camufla em diferentes ambientes, assume diversas formas para enganar e manipular. Uma notícia real pode ser distorcida e usada fora de contexto, criando uma falsa narrativa. Já mensagens falsas se disfarçam de notícias confiáveis, imitando sua estética ou se associando a fontes de credibilidade. Algo semelhante pode ocorrer com promoções enganosas que parecem ser ofertas legítimas e, por isso, são amplamente compartilhadas.

Na era da hiperinformação da cultura digital, nem tudo que se encontra é confiável. A **desinformação** se apresenta como um conteúdo de **duvidosa procedência**, muitas vezes **falso, manipulado ou fora de contexto**. Ela distorce a realidade, criando uma visão equivocada de mundo.

Nesse contexto, opiniões também se disfarçam de fatos. Às vezes, uma visão particular ou um juízo de valor

sobre algo ou alguém é apresentado como se fosse um fato. Essa estratégia pode ser usada para desqualificar pessoas por suas características, como gênero, orientação sexual, raça, religião ou posição política. São os chamados **discursos de ódio**, que visam atacar indivíduos ou grupos, fragilizando-os ou difamando-os na sociedade.

O que chamamos de *fake news* é apenas um tipo de desinformação. Trata-se de um tipo de conteúdo totalmente inventado, forjado com a única intenção de causar dano. Seja para manchar a reputação de alguém ou abalar a confiança em instituições, as *fake news* são como um vírus que se espalham pela internet, contaminando mentes e distorcendo a realidade.

Por isso que o discurso de ódio, geralmente, está associado a esse “gênero” da desinformação, uma vez que o objetivo é o mesmo: manchar imagens e reputações.

Wardle e Derakhshan (2017) classificam a desinformação num esquema com sete tópicos, que constituem o que definem ser um “ecossistema da desinformação”, constituído por:

- **Falsa conexão:** é a manipulação intencional de informações para criar a ilusão de coerência entre elementos que, na verdade, não se relacionam. Esse tipo de farsa pode se manifestar em títulos chamativos que não correspondem ao conteúdo da matéria e legendas de imagens que não confirmam o texto às quais se referem.

- **Falso contexto:** quando informações confiáveis são distorcidas por um novo contexto, mas que produz engano. Um exemplo é quando uma matéria antiga, de anos atrás, volta a circular nas redes, como se fosse um fato recente.
- **Manipulação do conteúdo:** o que era secundário se torna o foco ou uma opinião toma o lugar do fato. Nessa armadilha, o contexto original é desconstruído, peças importantes são omitidas ou redimensionadas, e a narrativa se transforma em um retrato distorcido da realidade com o objetivo de confundir e influenciar a percepção dos fatos.
- **Sátira ou paródia:** são conteúdos de humor, cujo objetivo é divertir (ou criticar divertindo). Podem enganar caso a audiência não perceba essa intenção. Um caso clássico nesse sentido são os conteúdos do site O Sensacionalista, que tem aparência jornalística, mas trata-se apenas de estética do conteúdo que, inclusive, faz com que seja engraçado. Mas se a piada não é entendida como tal, pode confundir e enganar.
- **Conteúdo enganoso:** tira informações de contexto ou as manipula para transmitir uma visão distorcida de um acontecimento. Cortar partes de um discurso e reeditá-lo ou alterar uma imagem para mostrar algo que nunca aconteceu são algumas estratégias desse tipo de conteúdo.

- **Conteúdo impostor:** é uma espécie de falsidade ideológica de fontes de informação, em que a autoria de um conteúdo é falsamente atribuída a uma fonte confiável ou oficial. São exemplos desse tipo de desinformação textos falsamente atribuídos a especialistas, escritores ou peças de comunicação de um conteúdo falso com logotipos de veículos de imprensa, governos ou outras instituições que, na verdade, não o produziram.
- **Conteúdo fabricado:** é o que chamamos de *fake news*. É um tipo de conteúdo completamente inventado. Não se trata de uma manipulação ou distorção de algo que tem algum fundo de verdade. Trata-se de um conteúdo 100% mentiroso, com o intuito de enganar, promover o caos social ou de abalar imagens de pessoas ou instituições.

Essa categorização reforça a natureza complexa da desinformação. As práticas educativas devem explorá-la, a fim de que os estudantes compreendam as nuances da questão e desenvolvam a capacidade de discernir conteúdos enganosos, verificar a veracidade das informações, evitar a sua propagação e alertar outras pessoas sobre as consequências nocivas da sua disseminação.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DESINFORMAÇÃO



Novas tecnologias digitais, com inteligência artificial, são capazes de criar imagens e vídeos com perfeição, podendo facilmente tirar pessoas de um contexto original e inseri-las em outros, mais inusitados. Em 2023, imagem do Papa Francisco com um casaco fashion viralizou nas redes sociais, pois muitos acreditaram que se tratava do retrato de uma situação real. Mas não era. A confusão acerca da foto criada produziu desinformação. No entanto, não podemos recriminar o avanço da técnica, que também pode servir para produzir arte. Mas quando técnicas sofisticadas de edição de imagens e vídeo servem à produção de fake news, as mensagens produzidas nesse processo são chamadas **deep fakes**, que quer dizer “mentira profunda”, em inglês.

Ela recorre à inteligência artificial para modificar rostos e cenários e, assim, transmitir uma impressão equivocada da realidade. Isso exige de nós mais cuidado com a avaliação da informação. O que parece incontestável pode não passar de uma cena muito bem produzida. Apesar de ser mais difícil de verificar a confiabilidade de mensagens dessa

natureza, a busca por mais informações ainda é a melhor forma de entender se estamos diante de uma mentira ou de uma mensagem confiável.

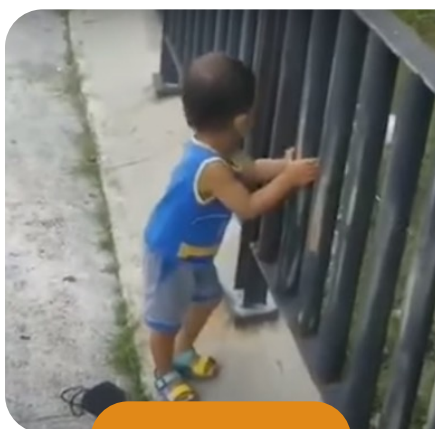


Imagens do Papa Francisco com casaco fashion criadas pelo aplicativo Midjourney.

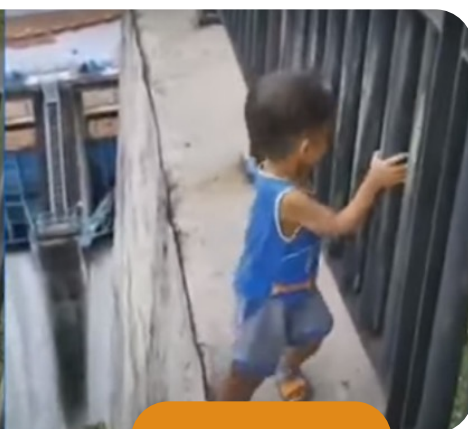
A BBC News, em um [vídeo disponível no Youtube](#), nos desafia a identificar a versão verdadeira do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Qual dos quatro, na imagem abaixo, é o Obama real? Na verdade, nenhum deles. Todas essas imagens foram geradas por IA.



No Brasil, um vídeo de uma criança na beira de um precipício foi motivo de surpresa e indignação. Mas, na edição, o menino foi tirado do contexto original, em que apoiava-se em uma grade numa rua plana, e inserido num cenário perigoso:



**Contexto
original**



**Contexto
artificial**

LEITURA LATERAL



Buscar informação na internet pode ser um desafio para estudantes e educadores. Por isso, apenas pedir que crianças e jovens localizem informações sobre diversos assunto, seja na internet ou em livros, não é uma tarefa das mais ricas que podemos propor. É preciso ensinar o estudante a, de fato, pesquisar. No entanto, ainda reforçamos a ideia de que essa atividade consiste apenas em encontrar informações. Mas vai muito além disso, exigindo reflexão sobre os achados e escolhas intencionais.

Pesquisar é uma atitude ativa e reflexiva, em que o estudante precisa compreender se a informação merece sua atenção, porque é adequada ao seu propósito e também confiável.

Quando falamos em confiabilidade nos referimos a conteúdos produzidos a partir de uma apuração criteriosa, ou seja, de um processo de investigação da realidade em que o autor apresenta as evidências do que encontrou.

É preciso ainda considerar a credibilidade da fonte (se possui boa reputação) e a autoridade (conhecimento no tema) dos especialistas e instituições que produziram uma informação ou que são mencionadas nos conteúdos aos quais temos acesso.

Uma forma interessante para refletir sobre o que encontramos nos buscadores ou para verificar a confiabilidade de conteúdos que recebemos nas redes sociais e aplicativos de mensagens é praticando a **leitura lateral**, uma metodologia de verificação da confiabilidade de conteúdos, concebida por Mike Caulfield. Isso porque apenas uma leitura vertical, do começo ao fim de um conteúdo, não é suficiente para dizer se ele é confiável ou não. Com isso, identificamos no máximo inconsistências, passagens mal construídas, sensacionalismo ou erros ortográficos.

A leitura lateral, por outro lado, requer que busquemos a mesma informação em outras fontes. Por isso é lateral. Acessar apenas uma fonte de informação pode não ser suficiente para dar conta de sua complexidade ou para ter certeza de sua confiabilidade.

Para fazer a leitura lateral, disponibilizamos um protocolo a seguir. Este, no entanto, não precisa ser seguido linearmente, item a item. O terceiro tópico - **Busque mais** - é o mais importante. A partir dele, é possível não apenas diversificar as fontes, mas conhecer o contexto em que o conteúdo foi produzido, além de questionar e compará-lo com outras fontes que abordam o mesmo tema ou fato.

1. PAUSE	3. BUSQUE MAIS
Olhe para a mensagem e pense se você realmente confia nela. Há trechos que te parecem duvidosos ou inconsistentes? O conteúdo parece equilibrado? Ou é sensacionalista? Não tire conclusões precipitadas, mas também não se contente apenas com essa informação.	Que tal buscar outras fontes de informação sobre o tema do conteúdo que você teve acesso? Tente encontrar informações melhores, mais profundas e equilibradas e se há consenso acerca desse tema entre especialistas, intelectuais e comunidade científica.
2. INVESTIGUE A FONTE	4. CONHEÇA O CONTEXTO
Indague a mídia por onde teve acesso à informação, seu autor, as fontes e especialistas apresentados na matéria. Quais são as qualificações e motivações das pessoas que fazem afirmações nesse conteúdo? São pessoas com legitimidade e autoridade para tratar disso?	É importante conhecer a fonte e o contexto originais de uma informação, que pode ser tirada de contexto e manipulada, criando um verdadeiro telefone sem fio. Este é o caso de notícias antigas, por exemplo, que voltam a circular, dando a impressão que se referem a fatos recentes.

Fonte: FERREIRA, 2022, p. 67-68.

Protocolos como esse ajudam a estimular a reflexão dos estudantes sobre seus achados, qualificando suas buscas e também transformando-os em agentes contra a desinformação.

OUTROS PROTOCOLOS PARA AVALIAR A INFORMAÇÃO



Diante desse cenário complexo e desafiador, é preciso estimular, nos processos educativos, o hábito de interrogar a informação, em vez de simplesmente consumi-la. Além dos Quatro movimentos, outros protocolos podem orientar educadores nesse sentido. A ideia é que os protocolos a seguir possam servir como ponto de partida para estimular, em qualquer contexto educativo, a avaliação cuidadosa e crítica de informações.

A partir de critérios de análise - como propósito, audiência, autoria, conteúdo e contexto - podemos introduzir perguntas para a reflexão:

PROPÓSITO	• O que essa mensagem desperta em mim? • Qual foi a intenção de quem a criou?
AUDIÊNCIA	• Essa mensagem foi criada para mim? • A mensagem parecer querer agradar alguém? Quem? • A quem ela parece se destinar e por quê?
AUTORIA	• Quem a produziu? • Esse(a) autor(a), mídia ou fontes usadas são confiáveis e adequadas?
CONTEÚDO	• A informação se sustenta? O(A) autor(a) apresenta evidências que comprovam suas afirmações?
CONTEXTO	• Quando o conteúdo foi criado e como chegou ao público? • Há outros conteúdos disponíveis sobre isso?

Fonte: o autor.

Em três passos, o protocolo *Fique esperto(a)!* orienta sobre checagem e responsabilidade ao lidar com um conteúdo duvidoso.

Fique esperto(a)!

Use o bom senso!

É ultrajante? Faz você ficar zangado? Parece estranho ou mesmo bizarro? Provavelmente estão tentando manipular você. Não compartilhe!

Parece suspeito? Faça uma busca!

Procure as palavras-chave ou parte do título + 'falso' ou 'fake'.

Não tem autor? Não compartilhe!

Se a informação é anônima ou não vem de fonte confiável, não compartilhe!

Fonte: EducaMídia.

Por fim, o *Epa! Peraí, o quê!?* representa três comandos para refletir sobre a informação e verificá-la antes de passá-la adiante.

EPA! PERAÍ, O QUÊ?!



A informação causou em você **choque, surpresa** ou **raiva**?



Pause!
Não passe adiante ainda.



Dedique um momento para **investigar** a informação.

Fonte: Eric Gibson/TEDx, em EducaMídia

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O fenômeno da desinformação precisa ser compreendido em sua complexidade, considerando suas nuances e possibilidades sofisticadas de produção e difusão. Entendemos que ele vai muito além das fake news, conteúdos completamente mentirosos, que têm a intenção de enganar.

É preciso abrir espaço, nas práticas educativas, para decodificar conteúdos midiáticos e avaliar a confiabilidade das informações que circulam pelas redes e que convergem com demandas curriculares das disciplinas e ciclos.

Nesse sentido, os protocolos para avaliar a informação representam uma estratégia interessante de leitura lateral dos conteúdos de mídia. Flexíveis, podem ser inseridos e adaptados para diferentes situações de aprendizagem e são um ponto de partida para promover o ceticismo saudável e desenvolver a conduta ativa de buscar e questionar informações.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade**. São Paulo: Contexto, 2023.

EDUCAMÍDIA. **Perguntas para decodificação de mídias**. Disponível em: <https://educamidia.org.br/recurso/protocolo-de-analise-e-criacao-de-midias>. Acesso em 15/06/2021.

FERREIRA, Bruno. **Jornalismo e educação**. Competências necessárias à prática educacional. Curitiba: Appris, 2022.

OCHS, Mariana. **Quem disse isso?** Produzido para o Programa EducaMídia. Disponível em: <https://educamidia.org.br/plano-de-aula/quem-disse-isso>. Acesso em 15/06/2021. Slides 34-38.

ROMERO-RODRIGUEZ, L.; DE-CASAS, P; PEDREIRA, M. C. **Desinformación e Intoxicación en las cuartas pantallas**. In: (Ed.). Competencias mediáticas en medios digitales emergentes. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2018. p. 73-92.

WARDLE, Claire. DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Estrasburgo: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em 06/08/2020.

Fale com o autor:



@bruno.educom



Bruno Ferreira



brunoferreira.educom@gmail.com



www.brunoeducom.com.br

Bruno Ferreira é jornalista, professor e pesquisador. Doutorando em Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP); mestre em Ciências da Comunicação e especialista em Educomunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Metodista de São Paulo. Possui formação pedagógica em Educação Profissional de Nível Médio, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP).

É coordenador pedagógico do EducaMídia, programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta e docente da pós-graduação lato sensu em “Proficiência em Tecnologias Digitais para uma Educação Empreendedora”, do Sebrae-DF. Foi consultor da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), formador de professores do Núcleo de Educomunicação, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, professor de Comunicação e Desenvolvimento Social no Senac São Paulo e vice-presidente da Viração Educomunicação. É autor do livro “Jornalismo e educação - competências necessárias à prática educacional”, publicado pela editora Appris.



Este material está disponível sob a licença Creative Commons. Isso significa que você pode copiar, redistribuir ou adaptá-lo para qualquer formato, desde que dados os créditos ao autor.



Caravela
Educom